
DIVULGAÇÃO

Novos recursos para a cura do câncer

Palavras do Dr. Mário Kroeff a propósito
da visita do Prof. Paterson ao S. N. C.

Nos grandes institutos, devidamente aparelhados, cura-se o câncer, em dois terços de todos os casos, como veremos pelas estatísticas. Num trabalho de equipe, as técnicas empregadas entre os especialistas, de modo diferente quando localizado o câncer neste ou naquele órgão, darão percentagens de cura, tanto maiores quanto mais esmeradas forem essas técnicas. O cotejo dos resultados obtidos por qualquer organização anti-cancerosa, no confronto com institutos congêneres, nas várias localizações da doença, é que mostra o valor científico do trabalho, o que sempre constitui verdadeira emulação, entre os profissionais. As tentativas individuais improvisadas, sem os meios adequados, se raramente curam definitivamente, fazem pior, levando o doente, na maioria dos casos, a perder a oportunidade de salvação e constituindo até, em nossos dias, uma falta grave, por inconsciência médica. O tratamento do câncer, atualmente, subdivide-se em duas especialidades médicas, dentro da própria cancerologia: a cirurgia do câncer e a radioterapia, às mais das vezes articuladas.

ESCOLA DE MANCHESTER

Paterson é um dos maiores cancerologistas da atualidade. Fez de Man-

chester o mais credenciado centro de tratamento de câncer do mundo: Holt Radium Institute. Em várias localizações da doença, suas percentagens de cura são superiores às de cinco de seus maiores rivais, o Radium Helmet de Estocolmo, a Fundação Curie de Paris, o Radium Institut de Goetingen, o Instituto Português de Oncologia e o Memorial Hospital de New York. Ele maneja, no tratamento, especialmente a radioterapia que compreende as duas poderosas armas de combate: o radium e os raios X. Os princípios, regras, métodos e tabelas, contidos no "The Manchester Radium Dosage System", constituem hoje um verdadeiro alcorão da radioterapia do câncer, consultados em todos os centros que praticam a boa cancerologia.

— Quando estive nos Estados Unidos em 1943, suas tábuas sobre dosagem na radioterapia que acabavam de aparecer, passavam de mão em mão e eram decifradas pelos cancerologistas que possuíam idéias renovadoras. Daí para cá, a Escola de Manchester, se aperfeiçoou muito mais na técnica da aplicação do radium e dos raios X, com Paterson e sua maior colaboradora, Margaret Tod, que também esteve entre nós, a convite do Serviço Nacional de Câncer.

ESTATÍSTICAS DE CURA

No Holt Radium Institute, as porcentagens de cura permanente, comprovadas com mais de cinco anos e obtidas com a radioterapia, são as seguintes: no total de todos os doentes tratados de 1940 a 1944, (hoje são melhores) a cura vai a 62% nos casos iniciais e 16% nos casos avançados (até um certo grau). Especificamente, na bôca 54% nos iniciais e 9% nos avançados; nos lábios 84% e 37%; na pele 91% e 24%; na bexiga 48% e 3% assim por diante.

RADIOTERAPIA

O princípio da radioterapia aproveita a irradiação, quer seja emanada de substância radioativa (radium), e outras, quer provenha de uma empôla de raios X. O radium apresenta-se em terapêutica comumente acondicionado no interior de tubos ou agulhas ôcas, formadas de platina. A platina filtra uma determinada qualidade de seus raios X e emanações prejudiciais, deixando passar outras mais penetrantes que vencem o envoltório de metal e atravessam os tecidos sãos, quando de permeio com a lesão cancerosa, indo atingir o elemento maligno, no interior de nosso organismo. O elemento rádio-ativo, pela desintegração da matéria, acha-se em constante bombardeio, ferindo de morte as células cancerosas, como se os raios fôsem bisturis (frios, invisíveis, filiformes), principalmente seletivos para o elemento maligno.

Sua técnica, no tratamento do câncer, consiste sobretudo em calcular-se a dose exata de raios que devem atin-

gir a lesão, seja esta superficial ou profundamente situada, porque a dose recebida na pele decresce com o quadrado da distância e, à medida que os raios penetram; em dar uma direção determinada e precisa aos raios para que atinjam perfeitamente, sem diferença de milímetros, a área visada: em distribuir a irradiação de modo homogêneo para cobrir não só a lesão, mas também uma certa margem de segurança, poupando os tecidos sãos. Nisso tudo é que residem os artificios e exigências das técnicas que foram melhoradas em Manchester.

IMPLANTE DE AGULHAS DE RADIUM

As agulhas de radium são, em certos casos introduzidas por algumas horas ou dias, em plena lesão e fixadas devidamente por meio de fios, atados com pontos passados nos tecidos, para manterem-nas em boa posição, sem perigo de perda ou de serem engulidas pelo doente, quando aplicadas nos lábios, língua ou bôca. É o que se chama implante. A lesão deve ser convenientemente bloqueada por vários dêsses focos de irradiação (agulhas), por todos os lados e no centro, num paralelismo perfeito de modo a distribuir-se irradiação homogênea, sem que uma área receba dose insuficiente, ou exagerada.

Conforme o tamanho e forma do tumor, a necessária disposição das agulhas acabam formando figuras geométricas, as mais variadas, que requerem cálculos rigorosíssimos, tanto em super-

fície como em volume, com fogos cruzados e superposição de raios que devem ser levados em conta. Na estimativa das doses necessárias a cada tipo e volume dos tumores, os físicos colaboram com os médicos.

Com a evolução da radioterapia moderna nasceu essa nova profissão: físicos de irradiação.

MOLDES DE RADIUM

Outras vezes, em lugar do implante de agulhas, usam-se tubos aplicados em frente da lesão, à pequena distância, por meio de suportes adequados, feitos especialmente para cada tipo de câncer ou localização do tumor. São os moldes que reproduzem a forma da face, das mãos, pés, membros, abóbada palatina, ora em matéria plástica maleável ora em resina acrílica, que toma a forma da boca, numa verdadeira chapa de dentadura, afastando até os dentes da irradiação. As vezes, os moldes são duplos, encerrando as lesões, num verdadeiro sanduiche de fogos cruzados, como se faz para os lábios, orelhas, etc. Para isso tudo, torna-se necessária a instalação de uma oficina de rádio, com artífices especialmente treinados para colaborarem com os radioterapeutas. Esse tipo de oficina, criado em Manchester, já possui o Serviço Nacional de Câncer, o que outros institutos ainda não têm. Foi isso principalmente que Paterson viu, entre nós, ao lado dos respectivos resultados e enalteceu, dizendo que nosso Serviço, não ficava em nada devendo ao de Manchester, em muitos aspectos.

COLETES PARA APLICAÇÃO DE RAIOS X

Assistiu, também o nosso visitante em pleno uso, os coletes e colares, de gase gessada, especialmente feitos para cada doente, quando irradiamos pelos raios X, lesões do tórax e do pescoço. Servem para marcar exatamente não só as várias portas de entrada dos raios, mas também orientar a direção precisa desses raios, por meio de flechas, que, fixadas ao colete, determinam a inclinação necessária do foco irradiante, em relação à sede da lesão e a ampola de raios X.

O alvo a ser atingido é também marcado internamente nas lesões da garganta ou do esôfago, por meio de substância rádio-opaca que será contrastada numa radiografia, de modo a estabelecer em relação à pele, externamente, o nível exato da porta de entrada da irradiação, num campo restrito.

Essas técnicas, um assistente do Serviço, Osolando Machado, foi aprender em Manchester em três estágios sucessivos e introduziu-as entre nós.

SETOR DA CIRURGIA

Foi também isso o que viu recentemente um radioterapeuta argentino que esteve entre nós por ocasião do Congresso de Medicina do Trabalho. Prof. Domingo Pescuma. Declarou "a radioterapia no Serviço Nacional de Câncer é executada no mais alto padrão, como não vi em nenhum outro país da Sul América".

Paterson também viu no Setor da Cirurgia de câncer casos nossos que lhe causaram admiração.

Levou trabalhos nossos que julgou dignos de serem submetidos ao Conselho Inglês de Cancerologistas.

INSTITUTO DE CANCER

Teve também ocasião de opinar, sobre a instalação da seção de isótopos e da aparelhagem de betatron, nas plantas do Instituto Nacional de Câncer que se acha em obras na Praça da

Cruz Vermelha e que foram adaptadas com a colaboração de Félix Lamela, consultor técnico em assuntos de hospitais junto à ONU.

Em sua entrevista também, fez votos para que o governo nos conceda o crédito de cem milhões que se acham em discussão no Senado Federal. Assim estará o Brasil, dotado do que há de mais moderno, num dos melhores Institutos do mundo.